

A história da memória: Narrativas de vida de estudantes egressos do Instituto Federal de Educação da Paraíba – Campus Picuí



<https://doi.org/10.56238/futuroeducpesqtrans-015>

Alexandre José Gonçalves Costa

Doutor em História pela Unicamp. Professor efetivo de História do IFPB-Campus Santa Rita.

Ana Angélica de Lucena Taveira Rocha

Mestra em Educação pela UFPB. Professora efetiva de Língua Estrangeira do IFPB-Campus Picuí.

Ana Cláudia Dias de Fontes Faria

Mestra em Ciências da Nutrição pela UFPB. Professora efetiva de Educação Física do IFPB-Campus Picuí.

Hertha Cristina Carneiro Sá

Mestra em Letras pela UECG. Professora de Língua Portuguesa do IFPB, Campus João Pessoa.

José Hermano Almeida Pina

Doutor em Geografia pela UFU. Professor de Geografia e Turismo no IFPB-Campus Avançado Cabedelo Centro.

Madele Maria Barros de Oliveira Freire

Mestra em Educação pela UFRN; Pedagoga do IFPB-Campus Picuí.

RESUMO

A pesquisa realizou entrevistas audiovisuais semiestruturadas com ex-estudantes do IFPB-Campus Picuí, que ingressaram (e se formaram) nos cursos Superior de Agroecologia, Integrado de Manutenção e Suporte em Informática e de Edificações, e Subsequente de Mineração, em 2011, já na sede definitiva do Campus, no bairro

Cenecista. Criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o Campus inseriu-se no contexto da orientação da política federal para a educação técnica e tecnológica no sentido de sua ampliação, em sintonia com as necessidades locais e ênfase na pesquisa e extensão. As entrevistas, com registro audiovisual, objetivaram conhecer a percepção que os entrevistados têm de sua trajetória de vida e da importância provocada pela passagem pelo Instituto em sua história individual; como percebiam em 2021 sua relação, enquanto ex-estudantes, com uma escola que já deu importantes passos em sua consolidação e com os outros sujeitos dessa história; a concepção que possuem do que deve ser um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, e mais especificamente, em uma região como a do Seridó-Curimataú; saber de suas estratégias de inserção e das dificuldades enfrentadas na comunidade; ouvir sobre como as suas vivências discentes, os laços de sociabilidade em Picuí, afetaram e atravessam suas trajetórias pessoais e profissionais. Metodologicamente, a pesquisa se embasou nos procedimentos próprios à História Oral. Cabe-nos dar voz àqueles e àquelas que foram os primeiros estudantes a compartilhar a sede definitiva da Instituição e saber dos impactos que aquela passagem trouxe à vida de cada um, e ouvir como a memória reconstrói hoje a visão – a representação – que construíram de si e do instituto quando estudantes.

Palavras-chave: Memória, história, IFPB, educação profissional e tecnológica.

1 INTRODUÇÃO

I.

Para boa parte da população brasileira, a educação pública no Brasil nunca foi sinônimo de qualidade. Isto, possivelmente, tem sua base em antigos preconceitos à educação pública brasileira, como, por exemplo: é uma educação que não tem qualidade; é somente para pessoas das classes sociais menos favorecidas; não oferta uma boa formação humanista e para o trabalho; os professores não têm formação acadêmica adequada; as escolas estão sempre sucateadas etc. Para reforçar essas ideias



preconceituosas, ainda há, no Brasil, a concepção elitista de que a educação privada/particular, que atende as classes mais ricas da população, é muito melhor do que a educação pública, nas suas três esferas: Federal, Estadual e Municipal. Com toda essa carga de concepções negativas, a educação pública brasileira demora a ser colocada no seu lugar de destaque e de direito: uma educação que tem qualidade na oferta de ensino às camadas mais necessitadas da população – filhos e filhas da conhecida classe trabalhadora.

Essa mudança começa a se concretizar mais fortemente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, onde a educação é colocada em destaque. De acordo com o art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art. 205). Para dar conta dessa responsabilidade pela melhoria da educação brasileira, a sociedade civil organizada, as universidades públicas, as escolas, os pesquisadores da educação, os trabalhadores da educação (professores, diretores, pedagogos, técnicos administrativos), as famílias, todos foram chamados a dar sua contribuição na construção de um novo projeto para a educação pública brasileira. O resultado foi a elaboração de alguns documentos oficiais voltados para a melhoria da educação básica: Parâmetros e Diretrizes Curriculares, uma nova Base Nacional Comum Curricular.

Nesse novo contexto, busca-se, nas instituições públicas de ensino, ofertar educação de qualidade para todos, sem distinção de a qual esfera a escola pertença: federal, estadual ou municipal. Mas, infelizmente, algumas diferenças entre essas instituições de ensino são visíveis, por exemplo: apesar de diversas escolas estaduais e municipais estarem presentes em maior número no território nacional, e serem referências na oferta de ensino de qualidade no ensino fundamental e médio (Educação básicas), muitas ainda apresentam resultados poucos satisfatórios. Por conta disso, a representação social, o imaginário social relacionado à qualidade do ensino na escola pública brasileira continua recebendo uma carga alta de preconceitos.

Na esfera federal, onde estão situados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, observa-se que muitos avanços já ocorreram, principalmente os relacionados à estrutura dessas instituições e a qualidade do ensino e da aprendizagem de seus alunos. Os IFs estão diretamente vinculados ao Ministério da Educação, ofertam educação básica, técnica e tecnológica, possuem uma estrutura organizacional com reitoria e pró-reitorias e uma estrutura administrativa, técnica, pedagógica bem consistente; estão organizados em multicampi e seus servidores docentes possuem remuneração acima da média nacional, fato este que fica evidente quando os salários são comparados com os dos docentes das redes estadual e municipal de ensino. Nesse contexto, os Institutos Federais de Educação passam a ter uma representação social robusta, forte e consistente.



Essas instituições federais de ensino foram criadas no ano de 2008, com a promulgação da Lei 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nesse ano, o Governo Federal implantou 38 Institutos Federais, em todos os Estados, com altos investimentos, para levar educação de qualidade a cidades onde, jamais, o setor privado se instalaria. O IFPB (Instituto Federal da Paraíba), faz parte dessa implantação. Possui 11 unidades campi e 10 em processo de implantação. São 21 unidades ofertando educação pública básica, técnica e tecnológica de qualidade, alicerçada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, a todos os jovens e adultos que buscam uma escola de excelência para sua formação humana e profissional.

Dentre os Campi do IFPB já implantados, o Campus Picuí (CP) já conta mais de 10 anos presente na cidade de Picuí. Essa instituição é um bom exemplo do resultado positivo que um IF gera na vida de muitos jovens e adultos que vivem em um lugar remoto e sem atrativos econômicos. O Campus atende a população picuiense e as de outros 14 (catorze) municípios que estão no seu entorno, incluindo cidades da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Esse acesso à educação federal tem gerado importantes mudanças na vida de pessoas que moram em uma região semiárida do país e que, historicamente, sempre conviveram com poucos (ou nenhum) serviços de educação de qualidade ofertados à população. Esse é um bom exemplo do impacto que investimentos robustos em educação pública podem gerar na vida de muitos jovens e adultos pobres do Brasil. Como exemplo disto, encontramos, no Campus Picuí, em sua história de memória, os depoimentos dos muitos jovens que tiveram suas vidas mudadas, com resultados exitosos, impactados positivamente quando da sua passagem pelo Campus.

Foi o contato direto com uma edificação jamais vista em uma cidade daquele porte, bem como um quadro de professores mestres e doutores e uma infraestrutura de adequada e de qualidade para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão, que tornou possível uma imersão desses jovens e adultos em uma formação que os preparou para melhor compreender como funciona o conhecimento científico e como este pode lhe ser útil no mundo do trabalho e acadêmico.

Essa nova realidade está presente em cada depoimento, opinião e memória dos e das estudantes que passaram pelo Campus Picuí, mostrando a todos nós que investimento em educação de qualidade traz os melhores resultados para a vida dos/as estudantes. Mas, também, não podemos nos esquecer de que ainda são necessárias políticas públicas de educação responsáveis, justas e, acima de tudo, direcionadas aos mais necessitados nesse Brasil tão desigual social e economicamente. Para isso, é importante que a aplicação dos impostos cumpra sua função social: basta que haja a sua correta aplicação em áreas e setores que servirão para formação do povo brasileiro.

II.



O presente artigo é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Linguagens e Humanidades (NEHUL), do IFPB Campus Picuí, entre o mês de maio de 2020 e setembro de 2021, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIBIC-EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve como título “A História da Memória – constituição de um acervo de fontes históricas com ex-alunos do Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí, ingressos em 2011”, e seu intuito foi o de qualificar a percepção que os ex-alunos do Campus Picuí – dez anos após terem iniciado sua formação acadêmica em nível técnico integrado ao ensino médio ou em nível superior – tinham sobre sua trajetória de vida e de que forma essa trajetória foi impactada a partir da passagem pelo IFPB Campus Picuí.

Para isso, a pesquisa buscou elucidar os seguintes pontos: como, a partir de suas origens sociais, as ex-alunas e os ex-alunos do Campus percebiam e avaliavam, em 2021, sua relação com a instituição; como qualificavam a importância da presença de um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba na região do Seridó-Curimataú; como experimentaram a passagem de uma vivência acadêmica em escolas municipais e estaduais de Ensino Fundamental e Médio para uma vivência em uma instituição federal de Ensino Profissional e Tecnológico; por fim, como as suas vivências discentes no IFPB Campus Picuí afetaram e atravessaram suas trajetórias pessoais e profissionais.

A realização da pesquisa implicou o trabalho de coleta e sistematização de um tipo de fonte documental que – dado o fato de a vida humana ser efêmera – corre sempre o risco de seu silenciamento. Quando isso acontece, perde-se a memória. E sem memória não há história, e sem história inexistente identidade. Pensemos no grupo de estudantes que ingressou no Campus ano de 2011, e imaginemos o seu desaparecimento futuro. Se isso acontece, há esfacelamento da memória, e dela só restam vestígios, objetos, imagens, que serão, por meio da escrita, transformados em história. Registros que serão, antes de tudo, restos testemunhais de uma outra época, sinais de pertencimento e reconhecimento de grupo e sinais de mudanças. E é sobre essa importância do registro da memória do IFPB Campus Picuí, a partir do resgate do sentimento de pertencimento dos ex-alunos que vivenciaram o início da constituição e estruturação do Campus, bem como sobre os impactos que essa instituição trouxe, não só para a vida de cada um e de cada uma, mas, também, para a vida da cidade e da região, que as narrativas dos e das estudantes egressos(as) lançam luz.

Trabalhar com o conceito de representações sociais resulta entender os comportamentos coletivos no espaço e no tempo em que são produzidos. Pensemos, inspirados em Pierre Bourdieu, no contexto sócio-histórico-cultural próprio a toda representação social, contexto que é definido tanto pelo espaço social (“campo”) – no caso, o IFPB Campus Picuí – quanto pela perspectiva sócio-histórico-cultural do indivíduo (“capital cultural”), marcada pelo tempo anterior ao ingresso no IFPB;



o tempo vivido no período de formação acadêmica e de pertencimento de grupo, que abarca o processo de socialização, de produção de um saber partilhado e de constituição de uma representação que o grupo constrói de si (de estudantes do IFPB Campus Picuí, ingressos em 2011); e o tempo do depois, do domínio da constituição de uma memória individual, que compartilha com outros elementos culturais de um grupo, um saber partilhado, que constitui uma representação social passada.

Se as representações sociais são, por um lado, sistemas que registram nossa relação com o mundo e com os outros, norteando e instituindo os comportamentos sociais, por outro, interferem na definição das identidades pessoais e de grupo (Moscovici, 2003). A pesquisa realizada traz à tona algumas informações relativas à forma como foram/são construídas as representações de pertencimento dos ex-alunos ao IFPB Campus Picuí, informações essas que apenas a pesquisa qualitativa possibilita alcançar e que são objeto de nosso interesse nesta investigação. Ouvir esses estudantes nos dá acesso a informações que a pesquisa quantitativa, baseada em dados socioeconômicos, ignora, como, por exemplo, o fato de a criação do *Campus não só ter* alterado significativamente o modo de viver da cidade: dinamizando negócios, impulsionando e valorizando o bairro onde a instituição está instalada, atraindo estudantes de cidades vizinhas da região do Seridó-Curimataú. Além disso, a criação do Campus também operou uma transformação na percepção que os próprios habitantes da cidade tinham do seu lugar, bem como abriu perspectivas novas de vida aos que nele ingressaram.

A forma como esses ex-alunos reconstróem, após dez anos, a representação que fazem de si próprios – como estudantes que tiveram em sua formação a influência da passagem pelo Campus Picuí que, para eles, foi “um divisor de águas” – demonstra a permanência da projeção social daquela representação, enquanto uma das identidades com as quais continuam a se vestir em determinadas ocasiões.

III.

As entrevistas foram semiestruturadas, ou seja, as perguntas foram elaboradas de modo a permitir e estimular o entrevistado a dar suas respostas como alguém que conta a história do que viveu – “Fale-nos sobre como foi sua infância, as brincadeiras, a escola, o que gostava de fazer.” Essas perguntas foram formuladas a partir de um roteiro-guia estruturado em três blocos de assuntos, tendo o acontecimento (estudante do IFPB Campus Picuí) como marco. O primeiro bloco tratou sobre a vida familiar, escolar e de convívio social antes de o estudante matricular-se no IFPB Campus Picuí. O segundo bloco abordou a vivência do entrevistado durante o período em que esteve estudando no IFPB Campus Picuí. E o terceiro bloco perguntou sobre os caminhos profissionais e acadêmicos percorridos até a data da entrevista. Dado o contexto da pandemia de Covid-19, que ocorria naquele momento, as



entrevistas foram realizadas através do serviço de comunicação Google Meet, no período de março a abril de 2021, e tiveram duração média de 80 minutos.

Os depoimentos estão registrados em vídeos, organizados da seguinte forma: um conjunto de treze vídeos na íntegra, isto é, que não passaram por qualquer edição; um conjunto de treze vídeos editados, contendo exclusivamente as falas dos estudantes entrevistados, tendo sido retiradas as perguntas, comentários e interferências dos entrevistadores e das entrevistadoras; e um vídeo editado com trechos dos treze depoimentos, que foi apresentado à comunidade escolar. Os depoimentos também estão registrados na forma escrita: um conjunto de treze transcrições literais dos áudios dos depoimentos, sem as perguntas; um conjunto de treze transcrições em que elementos típicos da oralidade, presentes nas transcrições literais, foram eliminados ou reduzidos.

Nas edições dos vídeos, como nas transcrições e nas transcrições, nosso intuito foi o de dar publicidade às histórias contadas por pessoas que estudaram em nossa instituição, que construíram, no momento da entrevista, memórias do vivido até aquele momento; memórias vestidas com a identidade de estudante egresso ou de estudantes egressas, em meados da década de 2010, do IFPB Campus Picuí.

IV.

No documentário “O Fim e o Princípio”, de Eduardo Coutinho, de 2005, encontramos em uma comunidade rural do sertão da Paraíba lugares e representações sedimentadas: a parteira, a benzedeira, o letrado, o cachaceiro. No curta-metragem “Vida Maria”, de Márcio Ramos, de 2006, as mulheres repetem a mesma sina de suas mães. Assim, a filha será sempre o que a mãe foi. Também a filha da filha terá o mesmo destino. São as “Marias” e, com elas, o não direito ao estudo e a possibilidade de mudança de vida. Diferentemente, a passagem pelo IFPB Campus Picuí opera uma transformação ao abrir “um mundo de possibilidades”, como bem relata Joelma Rayane.

Os alunos e alunas entrevistados trazem representações que são confrontadas/ressignificadas na passagem pelo IF; algumas ali são construídas ou abandonadas; descartam algumas, ressignificam outras, mantêm inalteradas umas poucas, e vida que segue. Esses alunos e alunas vêm de diferentes origens – rural/urbana, filhos e filhas de agricultores, de garçons, de auxiliares de serviços gerais em escolas, de professoras, de caminhoneiros, de comerciantes, de trabalhadoras domésticas, de pedreiros, de funcionárias públicas, de músicos, de marceneiros –; são egressos, em sua maioria, de escolas públicas, com uma marca social que pressiona, muitas vezes, para a “Vida Maria”. Vejamos o que diz o estudante entrevistado Antônio de Pádua:

... aquilo foi passando um filme, de muitas vezes ouvir gente dizer: “Você não consegue, não; vai ser garçom como seu pai; não vai conseguir, quem já viu pobre conseguir alguma coisa? Filho de pobre nasceu para trabalhar” e tal e mesmo assim eu não desisti.



Mas um ponto importante, presente em quase todos os depoimentos, é o gosto pelo estudo desde a mais tenra infância, seja pelo incentivo dos pais – “Meus pais sempre me incentivaram a estudar, então, assim, eu sempre fui muito estudiosa, sempre gostei de me dedicar aos estudos” (Ana Tersia) –, seja pelo ambiente da infância – “[...] minha mãe é auxiliar de serviços gerais da escola lá do bairro Monte, a Escola Municipal Cônego Ambrósio Silva, e lá na escola foi aonde eu cresci” (Joelma Rayane) –, ou construído como algo inato, fruto de uma curiosidade natural – “Eu era um garoto um pouco tímido, que era bastante curioso, tinha fome de conhecimento” (Marcus Paulo). Apesar de todas essas influências, faz-se ausente, nas narrativas, a referência à influência de uma pessoa letrada na infância desses ex-alunos e ex-alunas – pobres ou de classe média –, seja dos pais, seja de um tio, de uma tia, de um amigo da família etc. Também há ausência de referência à existência de uma biblioteca ou de livros em casa; apenas a programas de televisão. Mas havia a presença do “incentivo” de professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Em alguns depoimentos, o “amar estudar” vincula-se a uma “perspectiva de futuro” individual (Maria Maysa), ou familiar: “Sempre amei muito estudar e eu acho que o que me motivava era a tentativa de mudar a situação da minha família” (Joelma Rayane). Já a decisão por fazer o exame de seleção para ingresso no IFPB Campus Picuí, seja por influência da família, seja por decisão própria, baseava-se em dois pontos principais: proximidade do Campus em relação à casa da família – a maioria não tinha condições financeiras de arcar com estudos na cidade de Campina Grande – e, particularmente, o fato de o Instituto trazer no nome o peso de ser uma instituição federal: “[...] com a chegada de uma instituição federal, numa cidade pequena, esse nome pesava [...], esse nome fazia com que nós víssemos a instituição como uma coisa mais séria, que estava mais ligada para o futuro da formação da pessoa.” (Paulo Vitor).

Nas falas dos entrevistados, fica evidente que a percepção e o pensamento que os adolescentes tinham acerca do IFPB Campus Picuí, antes de ingressar na instituição, era de uma escola extremamente qualificada, por ser federal, sendo este termo “federal” identificado como uma instituição de Ensino Superior, nos sentidos literal e formal: “[...] equivalente quase ou é equiparável mesmo a um ensino de universidade. Você já sai meio que preparado para a universidade” (Marcus Paulo). O elemento simbólico “federal” apresenta-se como mediador entre a posição social e a visão de “um mundo de possibilidades”, de abertura de “oportunidades”, quase sempre vinculadas ao ingresso na universidade ou ao acesso a um melhor emprego, sendo este um dispositivo fundamental no predispor o estudante a ingressar no IFPB Campus Picuí.

A escolha do curso esteve vinculada, para alguns, à influência de familiares: “O meu irmão, Marcos Sales, ele conseguiu ingressar no IFPB, no ano de 2009, para fazer exatamente o curso de Mineração. [...] Então, foi através dele que eu vi uma possibilidade de ingressar no IF.” (Paulo Sales). Em outros depoimentos, essa escolha vem atrelada a uma predisposição, desde a infância, a um gosto



por determinada prática, que é viabilizada pelo ter acesso a ela, rememorada como predisposição inata: “Sempre tive uma afinidade com a construção civil, porque desde criança já começava a fazer meus esboços de casa de construções, já percebia que gostava dessa área. (José Ginetom). Também presente à escolha por exclusão: como só eram oferecidos dois cursos do Integrado, Manutenção e Suporte em Informática, e Edificações, o desconhecimento do mundo digital levava a escolha para Edificações.

A vivência no IFPB Campus Picuí agregou muito ao montante de saberes e de fazeres dos estudantes entrevistados. Todos ressaltam o “nível de qualificação dos professores”, os equipamentos, a estrutura: “Era uma coisa de outro mundo: várias salas, laboratórios, um instituto gigante, era outra realidade” (Marcus Paulo). Também tiveram importância as Visitas Técnicas, os Projetos de Pesquisa e de Extensão, que propiciaram um significativo amadurecimento acadêmico. “O IF ensina você a saber como fazer um projeto, a ter consciência do que é ciência, do que é tecnologia, do que são esses conhecimentos incorporados dentro da comunidade acadêmica, dentro da comunidade geral, entre as pessoas.” (Elton Luiz).

Assim, com a vivência no Instituto, o “superior” adquire concretude e “supera” o esperado; deixa de ser uma projeção para mais das vivências escolares até então tidas, por – além da excelência do ensino pela qualificação dos docentes presentes nas salas de aula e espaços alternativos de ensino-aprendizagem, como laboratórios, visitas técnicas –, apresentar aos estudantes o universo da Extensão e da Pesquisa, por familiarizar o estudante com a apresentação de seminários e a elaboração de projetos, por fazê-lo conviver com um nível de cobrança elevado.

Lado a lado com as habilidades acadêmicas que “a gente chama *hard skills*, que são aquelas que você tem que ralar”, existem as “habilidades interpessoais, comunicação e tudo mais”, as quais a vivência no IF melhorou “bastante [...] em questão de apresentação de seminário, você saber como lidar, como suportar, saber como apresentar, saber dialogar, debates no IF, como gerir conflitos” (Marcus Paulo). No desenvolvimento, para além da formação profissional, técnica, acadêmica, os entrevistados destacam o “desenvolvimento pessoal”, “a formação de cidadãos”: “O IF me deu uma oportunidade de crescimento pessoal, no sentido também de responsabilidade pessoal. A gente acaba desenvolvendo dentro do IF essa necessidade de ter responsabilidades. (José Ginetom).

Relacionado a essa formação ampla, de estudantes a pessoas atuantes e comprometidas, todos e todas destacam o lado humano dos professores, a simplicidade que eles tinham ao tratar os alunos: “Foi isso que me motivou bastante, você vê ali pessoas com mestrado, doutorado, tratando os alunos como se fossem seus filhos” (Paulo Sales). Também o despertar ou o acentuar o gosto, o compromisso com o estudo, é enfatizado: “Eu sentia vontade de estudar, para mim não era uma obrigação. Acho que essa motivação eu não tinha tanto quando eu estudava no Ensino Fundamental. Eu acho que isso, realmente, foi um divisor de águas, tanto de motivação, quanto de cobrança”. (Elton Luiz).



“Um mundo de possibilidades”, “oportunidade”, “divisor de águas”, “mudou a minha vida”. A vivência no IFPB Campus Picuí propiciou às pessoas entrevistadas a possibilidade, a oportunidade e, a algumas, a necessidade de sua própria ressignificação, uma nova representação de si próprias.

Tudo foi graças ao IF, ao que foi dito em sala de aula, todas as motivações de não ser só aquele peixinho dentro do aquário, sabe. Fuja do aquário. Eu não esqueço palavras assim: não se limite às paredes do aquário, pule fora, vai para o mar [...] tudo isso que eu vivi foi graças à interiorização do IF. Foi nossa valorização, das pessoas que não tinham oportunidades, pessoas que não tinham condições financeiras; no meu caso, que tinha parado de estudar há muito tempo, que não tinha perspectiva nos estudos, que vivia só para os filhos. O IF foi o divisor de águas. Hoje, eu não sou mais aquela Maria. Tem a minha essência, o caráter que foi construído. Mas assim, em termos de buscar, ir além dos horizontes, não tem mais parede que me limite a chegar aonde eu quero. (Maria Queiroz).

V.

É patente, em todos os depoimentos, que professores e professoras do IFPB Campus Picuí, através do incentivo, do estímulo, da relação pessoal, da excelência profissional, da infraestrutura de que dispunham, estimularam o compromisso e o gosto de suas alunas e de seus alunos pelo estudo; incutiram o senso da importância da participação em Projetos de Pesquisa para a inserção delas e deles na comunidade científica, porque a participação em projetos resulta na produção de artigos, em apresentação em eventos acadêmicos; desenvolveram nos/as alunos/as o compromisso com a responsabilidade social através dos Projetos de Extensão, que possibilitaram a conexão do conhecimento adquirido com as demandas da comunidade da qual faziam parte; trabalharam o saber fazer através de atividades em laboratórios muito bem equipados, de visitas técnicas, de atividades práticas.

No pós-IFPB Campus Picuí e no ingresso em universidades, esses aprendizados são vistos como fatores de adaptabilidade ao ambiente universitário, “mais exigente”, mas “não diferente”. Também os conhecimentos técnicos adquiridos são enfatizados como facilitadores do desempenho acadêmico nos anos iniciais dos cursos superiores, quando afins ao curso técnico estudado no IFPB Campus Picuí. Das treze pessoas entrevistadas, apenas três mudaram de área em relação ao curso técnico ou superior concluído no IFPB Campus Picuí. Nas trajetórias e nas falas fica evidente que o ingresso/vivência no Campus criou hábitos acadêmicos que reforçaram ou despertaram projetos pessoais no imediato pós-IF, vinculados à continuidade dos estudos: dos cursos técnicos para o ingresso em cursos superiores; do curso superior em Agroecologia para o ingresso em cursos de pós-graduação¹.

Mas, esses dados nos informam que a maioria de nossos entrevistados e de nossas entrevistadas – sete dos nove – não procuraram o IFPB Campus Picuí interessados no diploma de técnico, que lhes

¹ Das nove pessoas entrevistadas que fizeram Edificações, MSI e Mineração, todas de Edificações e de MSI (sete) ingressaram na universidade; as duas de Mineração ingressaram no mercado de trabalho, mas têm como meta imediata a continuidade dos estudos. Das quatro pessoas formadas em Agroecologia, todas fizeram Especialização na área e uma delas, o Mestrado.



habilitasse a ingressar no mercado de trabalho imediatamente após a conclusão do curso escolhido, mas sim, buscaram nos cursos técnicos uma capacitação que lhes fosse útil e vantajosa em uma desejada carreira acadêmica superior. Ou seja, buscaram encontrar no IFPB Campus Picuí um Ensino Médio de qualidade, que os favorecesse a ter sucesso na seleção do Enem e na aquisição de competências e domínios de conhecimentos que lhes habilitassem a obter destaque nas disciplinas dos cursos superiores. Outro ponto apresentado pelos entrevistados e entrevistadas foi que ser egresso de um curso técnico do IFPB despertou a atenção dos professores nos cursos superiores, o que trouxe a abertura de uma gama maior de possibilidades em sua formação acadêmica e, conseqüentemente, melhores perspectivas profissionais.

Não há como não ter a certeza de que o IFPB Campus Picuí representou para essas pessoas, de condição social menos favorecida ou de classe média baixa, a possibilidade de ascender socialmente:

A palavra-chave é uma oportunidade, uma oportunidade que muitos dos meus amigos e colegas de infância não tiveram, que é ter uma educação de qualidade, gratuita, que me proporcionou ter uma formação técnico-científica. Mas, acima de tudo, uma formação humana e um crescimento como cidadão. Não só um crescimento, na verdade, uma formação de cidadão, muito importante, uma formação cidadã. Eu acho que o IF é hoje a melhor forma que um aluno de escola pública tem de ascender socialmente e alterar seu padrão, no sentido de qualificação profissional e de status dentro da sociedade, no sentido de classe social, digamos assim. A única forma que a gente tem é através da educação. Nenhuma outra forma é melhor e mais aceita para a ascensão social do que a educação. E não tem outra instituição melhor para um aluno de escola pública do que o IF. (Elton Luiz).

VI.

A pesquisa “A história da memória: narrativa de vida de estudantes egressos do Instituto Federal da Paraíba – Campus Picuí” foi uma experiência muito rica para todos nós, docentes desse Instituto Federal que está localizado no Seridó paraibano, distante 250 km da capital paraibana, com suas peculiaridades que vão desde ser uma cidade que sofre com o clima semiárido, quente e seco, uma vegetação típica da caatinga, até o povo que ali habita: generoso, hospitaleiro e sofrido, cheio de planos e sonhos, sendo um destes poder oferecer uma boa educação para os filhos.

Nesse cenário do Seridó Paraibano, a pesquisa nos mostrou fatos que, como professores participantes do cotidiano escolar do IFPB Campus Picuí, já nos eram previsíveis. Mas, também, revelou-nos novos aspectos sobre os sujeitos/alunos/as e suas existências que não sabíamos. Com base nessa experiência na pesquisa, podemos vislumbrar esses sujeitos como um grupo de passageiros que juntos iniciaram uma viagem. Todos saíram de um lugar (não necessariamente um lugar físico, mas, um lugar comum em termos de escolarização, às vezes, com realidades distintas) e se encontraram nesse novo espaço coletivo, o IFPB Campus Picuí, e juntos seguiram rumo a um novo lugar, definido a partir da expectativa que cada um tinha sobre a educação de qualidade e o que é uma vida mais digna.

Nessa viagem, eles fizeram muitos deslocamentos, a exemplo: o aumento do gosto pelos estudos, o contato com outros estudantes (muitos deles oriundos de outras cidades e estados), o



amadurecimento acadêmico a partir da pesquisa e da extensão, a aproximação com a tecnologia, para alguns uma ressignificação e autodescoberta. Esses deslocamentos os levaram a outro lugar, antes apenas presente na imaginação, mas que passaram a ocupar com muito orgulho e competência. Esses passageiros/sujeitos periféricos, às vezes, vítimas de segregação racial, de gênero, cultural, social, agora se moveram para um lugar de sujeitos de luta, de saberes e de consciência de si, do outro e do mundo. São seres históricos que não pararam por em qualquer lugar, mas sim, em um lugar definido em busca do seu lugar/objetivo.

Diante dessa pesquisa, não tem como não pensar em outro grupo de passageiros que concomitantemente ao primeiro, estavam ali também: os docentes. Os sujeitos docentes exerceram um papel humanizador e libertador junto aos discentes, criando um ambiente educativo que favoreceu o despertar da consciência de cada um/uma, do saber científico, social e político. Assim, estamos, cotidianamente, fazendo uma viagem com nossos discentes, ajudando-os a encontrarem os seus caminhos. Mas será que nessa jornada estamos conscientes de nosso real papel na formação desses estudantes? Será que nossas escolhas pedagógicas estão pautadas na consciência a respeito de quem são esses passageiros/discentes e do que eles esperam de nós? Essas são indagações que nós professores devemos estar sempre atentos a elas e buscar respostas.

Concluimos que essa pesquisa já nos mostrou um pouco qual é o nosso papel no processo de formação dos nossos alunos/as. Fica evidente, pelas falas nas narrativas, que o processo de ensino-aprendizagem nunca é um processo neutro, mas sim, carregado de um entrelaçamento de histórias de vidas que, ao se cruzarem, vão sendo construídas novas formas de pensar, de agir, de viver, de ver o mundo, com olhos mais vivos, mais abertos às certezas e às incertezas da vida. E somos nós, os professores e as professoras, quem acompanha os alunos nesse processo de formação pessoal e acadêmica, como um farol que, em alguns momentos, joga uma luz no caminho para que todos possam fazer novas viagens, sabendo o rumo que devem seguir e como fazer para alcançarem seus objetivos de vida.



REFERÊNCIAS

BOURDEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Casa Civil**, 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm Acesso em 02 de setembro de 2022

BRASIL. Constituição de 1988. Casa Civil, 1988, disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em 02 de setembro de 2022

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais** - Investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.



ENTREVISTAS

Maria Maysa de Araújo Pereira Macedo, Curso Técnico em Edificações 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet em 15 de março de 2021.

Ana Tersia Oliveira da Silva, Curso Técnico em Edificações 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet em 15 de março de 2021

Antônio de Pádua Caetano de Lima Sobrinho, Curso de Mineração, 2009-2012. Entrevista realizada pelo Google Meet em 05 de abril de 2021

Paulo Vitor Souto Dantas, Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet em 27 de março de 2021

Pedro Leandro Dantas Pereira, Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2011- 2015. Entrevista realizada pelo Google.meet, em 15 de março de 2021

Joelma Rayane Dantas, Curso Técnico em Edificações 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet, em 9 de março de 2021

Yasmim Hamanna Gomes Macedo, Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, 2011-2016. Entrevista realizada pelo Google Meet em 11 de março de 2021

Elton Luiz de Araújo Medeiros, Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet, em 15 de março de 2021

José Ginetom da Silva Araújo, Curso Técnico em Edificações 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet em 2 de março de 2021.

Lidiane Maria dos Santos Guimaraes Barros, Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Entrevista realizada pelo Google Meet, em 9 de março de 2021

Marcus Paulo Soares Dantas, Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática 2011-2015. Entrevista realizada pelo Google Meet, em 25 de março de 2021

Paulo Sales da Costa Barros, Curso Técnico em Mineração, 2011-2013, Curso Técnico em Geologia, 2014-2017. Entrevista realizada pelo Google.Meet, em 12 de março de 2021.

Maria José de Queiroz, Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia 2011-2014. Entrevista realizada pelo Google Meet, em 16 de março de 2021